

"A COMISSÃO CIENTÍFICA DE EXPLORAÇÃO"

OCTAVIO DOMINGUES

Escola Nacional de Agronomia, Universidade Rural

Não é possível deixar passar sem uma palavra essa comemoração, que a Universidade do Ceará acaba de promover. Comemoração do centenário da "Comissão Científica de Exploração" — que constitui o primeiro grupo de pesquisadores brasileiros a sair em reconhecimento da nossa natureza, pelos sertões do Nordeste. E isto há um século passado (1859-1861).

Mandando publicar o livro do agrônomo RENATO BRAGA, membro de seu corpo docente — a Universidade do Ceará comemorou a data de modo especial e condigno, muito melhor do que se o fizesse com uma solenidade, discursos e banda de música.

O livro "**História da Comissão Científica de Exploração**" (Fortaleza - 1962) traz consigo a duração dessa comemoração mesma, e para a nossa literatura científica um elemento de cultura, de que tanto precisamos.

Creio que essa "Comissão", organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico, à sombra estimuladora de Pedro II, que se apressou em amparar oficialmente a iniciativa — não é conhecida fora do pequeno grupo de naturalistas e pesquisadores voltados, no Brasil, para as coisas do Nordeste. E mesmo entre estes parecia reinar certa omissão, a julgar pelas próprias palavras de RENATO BRAGA, quando começa suas palavras introdutórias, nos seguintes termos:

"Sempre me causou estranheza o silêncio dos estudiosos cearenses a respeito da Comissão Científica de Exploração. Aqui ela esteve durante mais de dois anos. Percorreu a Província em todos os sentidos, procurando realizar amplo programa de investigações, o primeiro a ser tentado no Império por um grupo de naturalistas e técnicos exclusivamente brasileiros".

Assim êsse livro, além de comemorar bem a data centenária, veio nos permitir conhecer essa comissão de pesquisadores nossos que, largando o conforto da Capital, se embrenharam pelos sertões devassando-os. E conhecer em seus pareceres, além da divulgação dos seus trabalhos, publicados na íntegra.

O autor da "História da Comissão Científica de Exploração" não economizou esforços para nos oferecer uma obra valiosa, informativa e imparcial na hora de julgar.

Ao relatar os fatos ocorridos durante a permanência da Comissão no Ceará, não omitiu nada do que pôde colher na numerosa bibliografia, que conseguiu reunir (111 trabalhos consultados). Mesmo aquêles fatos que trouxeram para a Comissão, certo desprestígio, a ponto da imprensa da época se manifestar criticando-a, e indo mais além, dando-lhe cognomes de sentido pejorativo: **Comissão das Borboletas**; ou até ofensivo: **Comissão Defloradora**.

Devemos convir que, num balanço imparcial, o rendimento do trabalho da Comissão não correspondeu à expectativa. Esta era exagerada por demais, como se depreende da afirmativa de um de seus membros (GONÇALVES DIAS). Achava êle que um dia a ela propício seria suficiente para "mudar a face do Brasil".

Vários fatores levaram a êsse baixo rendimento, pelo que com minúcia nos conta RENATO BRAGA. Fatores de natureza humana e fatores circunstanciais.

O próprio vulto e extensão dos planos da Comissão, verificou-se que estavam além dos elementos de que ela dispunha e do tempo de que dispôs.

Uma das limitações, que ela apresentou, tinha origem mesmo na sua composição. Ela foi constituída de cinco membros titulares, dos quais se sobressai seu Chefe, FREIRE ALÉMÃO, encarregado da Seção de Botânica. A seguir vinham: GUILHERME SCHUCH DE CAPANEMA (mais tarde Barão de) a quem cabia o estudo da Geologia e Mineralogia; MANUEL FERREIRA LAGOS, Zoologia; GIACOMO RAJA GABAGLIA, Astronomia e Geografia; e ANTONIO GONÇALVES DIAS, Etnografia — a quem deveria caber a narrativa da viagem. Além dos titulares de cada especialidade, havia auxiliares, como é natural.

Dentre os citados acima, o único naturalista, em toda a extensão da palavra, era FREIRE ALEMÃO, já amadurecido nos estudos botânicos. Os outros "não eram propriamente especialistas" como informa o autor. Quando muito poderiam constituir uma promessa, digamos. E acrescenta RENATO BRAGA: "era do melhor que havia para ocupar-se das matérias da expedição".

E' que faltou-lhes (salvo a FREIRE ALEMÃO) aquela têmpera e curiosidade do especialista, que lhe d o fôrça para o trabalho, e também para vencer obstáculos ou   atra o dos passatempos, das distra es que levaram a descaminhos, da  a condena o que sofreram.

Vejamos o que disse o autor, do titular de Zoologia, FERREIRA LAGOS. "A Zoologia era-lhe um agradavel passatempo e quem sabe se não   cultivava com certa dose de malícia *pour  pater le monarque*".

De CAPANEMA nos informa que "o destaque que sua personalidade de escol não logrou no Ceará. por fôrça de circunstâncias adversas, iria conquistá-lo nos anos de 1862 a 1866, na bacia amazônica, onde explorou o Purus, o Madeira e o Japurá, de ordem do gov rno geral".

Os fatores circunstancias foram diversos, a começar pela época histórica que viviam... A técnica científica no Brasil do século XIX não ajudava, e assim a aparelhagem científica teve de ser trazida da Europa, o que retardou o com eo dos trabalhos.

A falsa compreensão, que da Comissão tinham os habitantes — também foi um fator negativo. Esperavam que ela descobrisse minas de ouro e prata, ou tesouros escondidos. "O pensamento corrente na C rte e no Ceará, quanto   comissão, explica RENATO BRAGA, no início do seu segundo ano de atividades, era o de que fracassare, por não haver encontrado os tesouros ansiosamente esperados. Muitos passaram a olhar êsse grupo de cientistas como simples faiscadores e garimpeiros".

Outro contratempo capaz de prejudicar o rendimento dos trabalhos, foram as doenças: "Na longa e penosa travessia dos sertões, privados das elementares comodidades da vida, diz o autor, quase todos adoeceram".

E não será preciso estendermo-nos mais nessa explica o

da parte negativa das atividades do grupo de exploração científica, como seja aquela deficiência, a partir de certa época, de recursos, ou seu retardamento.

Há uma parte positiva que se precisa pôr em realce.

Com exceção do setor confiado a CAPANEMA, os outros ofereceram frutos, constantes de copioso material colhido e muitas observações registradas. CAPANEMA sofreu o desgosto de ter sua bagagem e tôdas as coisas pertencentes à Seção Geológica, desparecidas com o naufrágio da embarcação, que os transportava de Granja para Fortaleza. Precisando continuar viagem para a Serra Grande ou de Ibiapaba, nos limites ocidentais da Província, enviou para a capital seu material e notas. Mas escolheu mal o barco, que por sinal tinha o nome de "Palpite", e êste foi a pique com seu carregamento de madeira.

A maledicência, viu nesse naufrágio um meio de "esconder a desídia científica e o malbarato dos dinheiros confiados a guarda de Capanema" — informa nosso autor.

O material dos outros setores foi levado para o Museu Nacional, que "diga-se de passagem não oferecia condições para recebê-lo".

Até animais vivos foram trazidos, porém foi diminuto o número dos que conseguiram chegar ao Rio, pois a maioria não resistiu a travessia dos sertões, parada na capital e viagem por mar.

Cabe fazer citação especial de 14 mil amostras de plantas em herbários, protegidas em caixas de cedro forradas de flandres. "Era, sem dúvida, a maior contribuição botânica até então entrada no acervo científico do Museu", o que constituía o resultado de dois anos de trabalhos, de FREIRE ALEMÃO.

E não me estendo mais em pormenores. Aí está o livro de RENATO BRAGA para satisfazer a curiosidade do leitor. Mas convem citar sua conclusão ao comentar esta parte das atividades da Comissão de Exploração: "Como se vê, os expedicionários não voltaram de mãos abanando..." Todavia êsse acervo só parcialmente aproveitado, chegando mesmo a ter um "destino merencório", aquela parte referente à Zoologia — a coleção sem ter quem a estudasse, foi "devorada pelo tempo".

O livro é completado, o que o torna mais precioso, pela publicação dos Relatórios da Comissão (muito omissos), ins-